

A Casa Tombada

Pós-graduação Narração Artística: contar histórias em contexto urbano (turma 14)

Trabalho de Conclusão de Curso

A conversa como experiência

Aluna: Ana Letícia Silva

Orientação:

Giuliano Tierno

Letícia Liesenfeld

25 de Abril de 2021

Sumário

Apresentação (3)

1 Aberturas (7)

2 Conversa poética com Jorge Larrosa acerca de suas Notas sobre a experiência e o saber da experiência¹ (20)

3 Subindo no bonde da história (28)

4 O final dessa história (35)

Referências bibliográficas (39)

Resumo

Este trabalho é um convite para a conversa como experiência. Nele, conto minha trajetória como facilitadora de processos conversacionais e uma observação e percepção que foi se aprofundando sobre a potência transformadora das conversas. Nesse percurso, um dos elementos que foi se apresentando como importante para revelar essa potência foi a necessidade de registrar e sistematizar para que as pessoas que conversaram possam enxergar a conversa que aconteceu, mas também para que a conversa alcance mais pessoas e espaços. E um caminho a investigar nesse sentido da sistematização de conversas foi o da narração, acionando chaves como memória, oralidade e as várias formas de contar ou recontar uma história ao narrar seu percurso e ao narrar sua síntese. Neste trabalho, em diálogo com autores e autoras que se debruçam sobre a importância da experiência e da conversa como experiência, direta ou indiretamente, proponho um exercício de reflexão, preparação e experimentação buscando aproximações com elementos que constituem sua potência de revelar e transformar, e o narrar e a voz própria como canal para esse acontecimento. De modo que esse fluxo e chegada possam ser conhecidos, reconhecidos, (re)experimentados e ressignificados. Mas que principalmente seja um instrumento que contribua para reforçar conexões, continuidades, fio de memórias, existências coletivas, talvez até comunitárias, como potências das conversas

¹ Todo este capítulo é baseado no artigo de Jorge Larrosa Bondía, Notas sobre a experiência e o saber da experiência, contido como um capítulo do livro Tremores, que consta das referências bibliográficas deste trabalho.

"A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer, ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências em outros tremores e em outros cantos. Em algumas ocasiões, esses cantos de experiências são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. Outras vezes são cantos de dor, de lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma potência de vida enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres, cantos de despedida, de ausência ou de perda. E às vezes são cantos épicos, aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde."
(Jorge Larrosa, em Tremores, p. 4)

Apresentação

Vou contar como cheguei até aqui. No ano de 2006, tive contato com um tipo de ofício que se chama moderar ou facilitar conversas. Observei um grupo de pessoas realizando esse ofício em um grande encontro em que era preciso ajudar grupos muito diferentes a chegarem a resultados importantes em um curto espaço de tempo. A ideia era viabilizar a aproximação dos produtos de cadeias produtivas responsáveis por gerar renda para pequenos produtores de alternativas de comercialização de seus produtos. Era fundamental que esses processos fossem construídos com acordos, pactuações, negociações. E, para tanto, pareceu ser essencial que as pessoas que atuam nas várias

etapas de uma cadeia produtiva se conhecessem e conhecessem suas realidades para que encontrassem soluções conjuntas e sustentáveis. Esse grupo de moderadores/as preparou essas conversas baseadas em escutas prévias e desenhos de roteiros de perguntas baseadas em fios condutores aplicados a dinâmicas conversacionais que fazem com que as pessoas conversem. O resultado foi que observar isso acontecendo e o lugar onde se chegou me deixou maravilhada com cara de estar presenciando uma espécie de milagre. E nesse dia eu pensei: quero fazer isso, quero facilitar conversas.

Em 2007, fui aluna do Curso de Moderadores², uma formação intensiva e prática cujo conteúdo está bastante ancorado na ontologia da linguagem e em princípios democráticos para justificar a importância das conversas para a humanidade. E, ao mesmo tempo, observar como tem sido cada vez mais difícil conversar. A partir de então, foi como uma mudança de modo de estar no mundo para mim, passei a operar como facilitadora quase que todo o tempo. Aprendi a fazer perguntas e encadeá-las, aprendi o valor das perguntas, o valor da escuta, o valor do interesse em saber mais sobre as pessoas, o valor de viabilizar conversas. Comecei a me dedicar aos grupos nas instituições em que eu trabalhava e depois de forma autônoma (como é hoje) cada vez com interesse mais aprofundado nos processos e nos produtos possíveis a partir das conversas desses grupos. Esse interesse me levou a um lugar de estudo muito especial conhecido como sistematização de experiências, que se origina nos movimentos de educação popular na América Latina, e essa aproximação acomodou um novo e complementar mundo dentro de mim. Para Oscar Jara, um dos principais responsáveis pelo estudo e prática da sistematização de experiências, esse processo é "recolher, classificar, catalogar e organizar repertórios de experiências" (Jara, p. 36, tradução minha). Ocorre que esses processos dão vida e luz a outras linguagens a partir do que as pessoas revelam, narram estimuladas por perguntas, por vontades de saber, de conhecer. E muitas vezes são revelações de mundos silenciosos e também silenciados, invisíveis, não escutados, porém constitutivos de modos de existência essenciais para comunidades, territórios, culturas e, em sua amplitude, para a humanidade.

Desde 2007, portanto, sou facilitadora de conversas: escuto, preparo, facilito e sistematizo processos conversacionais de grupos de pessoas. Essa experiência me revelou a importância das conversas e de se cuidar das conversas, observando sua potência constitutiva e transformadora humana. Poderia figurar entre os direitos básicos por sua necessidade e por sua inerência? É possível que sim. Ao se escutarem e se declararem, há

² Formação idealizada e oferecida pela H+K Desenvolvimento Humano e Institucional.
<https://hmask.com/>

caminhos de transformação nas pessoas. Adiciono aqui o narrar como potência de amparo à declaração. Contudo, os gestos de escuta e declaração parecem estar cada vez mais perturbados por várias razões, mas principalmente, aposto aqui, pelo excesso de informações e distrações, portanto, e pela subvalorização da experiência.

A sistematização de experiências é considerada um conceito em permanente construção e aí reside uma de suas grandes belezas. A cada experiência se aprende algo novo de todas as pessoas que dela participam, da sua vivência e depois da sua sistematização, que revela a experiência e a faz poder alcançar espaços e pessoas inimaginadas. "É um exercício intencional que busca penetrar na trama complexa da experiência e recriar seus saberes com um exercício interpretativo de teorização e de apropriação consciente do vivido." (Jara, p. 55, tradução minha). Descobrir a sistematização era um encontro com as principais inquietações que eu vivenciava como facilitadora de processos conversacionais. Ao mesmo tempo em que o que acontecia nessas conversas me chegavam como espécies de aberturas e milagres com muita potência de provocar emancipação, autonomia, descobertas, revelações, me parecia que precisavam ser registrados de alguma maneira que contribuísse para dar continuidade ao que era criado e vivenciado nas conversas. Comecei a experimentar exercícios de memória e narração nos encontros que eu facilitava. A cada momento, eu narrava a memória do que já tinha ocorrido e, ao final, eu narrava toda a produção ocasionada pelas conversas, tanto para checagens como para assentamentos, pactuações e segmentos.

Trago aqui uma aposta que me importa muito: pessoas saem diferentes desse lugar quando elas escutam uma outra coisa sobre elas ou sobre a produção delas, que isso faz diferença no dia seguinte de suas vidas, em suas posturas, seus gestos, seus acontecimentos como pessoas. Tem um maravilhamento, um susto, um espanto. "(...) as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras". (Larrosa, p.12)

Por exemplo, uma pessoa trabalha numa casa de farinha e ela sabe fazer um monte de coisas nessa casa de farinha só que ninguém nunca perguntou pra ela o que ela sabe fazer. Aí você faz essa pergunta em um grupo, aí você junta os saberes de quem está lá e teremos descobertas. De repente, você sai dizendo que você é uma pessoa que articula processos para a produção de farinha num determinado território e isso tem impacto na economia local. Você se sente engrandecida. Aí quando você se sente engrandecida como você se porta? Abrir o espaço para uma pessoa ficar grande do tamanho dela por meio da

própria palavra dela: qual o canal podemos criar para as pessoas se verem e se declararem de outra forma?

Minha formação é em desenvolvimento territorial, em planejamento e gestão do território. E sempre estive inquieta com aquilo que está por acontecer nos territórios e que a gente pode facilitar esse acontecimento. Como é que a gente faz pra facilitar esse acontecimento?

As conversas das pessoas são importantes. Podemos acessar técnicas para fazer com que as conversas das pessoas se convertam em declarações coletivas no final e transformadoras. Tem técnica, dá uma ancorada boa pra gente poder voar, pra poder improvisar. Precisa ter o porto seguro pra poder não usá-lo. Fiz e refiz o curso. As chances de, com essas declarações, se alcançarem lugares melhores para as pessoas, formas de viver, de estar porque saiu de dentro da boca das próprias pessoas, aumentam muito. Se conversar antes, combinar o jogo antes, fazer acordos, aprender a escutar, porque se eu escutar vou falar de outro jeito, isso muda o resultado das coisas para algo mais interessante, pessoas mais comprometidas e se responsabilizando mais por suas declarações, mais preocupadas com as outras pessoas também porque é uma construção coletiva, melhores resultados em autonomia e até em otimização de recursos por olhar de outro jeito para as coisas por colocar as pessoas em conversa, enxergar pontos de integração e criar novos mundos possíveis. Possibilidades de criar novos mundos por meio de conversas.

Se a gente contar de outro jeito, outras coisas podem acontecer. São apostas. E repetir e começar de novo.

Tomada por essas inquietações e apostando na potência de histórias que podem ser contadas ou que podem ser recontadas de outras formas, passei a me dedicar exclusivamente a isso aproveitando as experiências que vivenciei com as conversas, com a escuta, a observação e as muitas formas de contar histórias de vidas. Uma vez, li uma narrativa que contava sobre mães em um bairro da periferia de Chicago³ que perceberam que precisavam estar mais perto das crianças que brincavam na rua para retomar a conexão e reduzir a violência. A história e a forma da narrativa me tomaram e fiquei imaginando o que havia significado para quem viveu, para quem escreveu, para quem leu. A partir daí passei a olhar para as histórias e as narrativas também como potência e talvez como possibilidade de sistematização dos processos conversacionais. Eu ficava pensando sobre como as pessoas poderiam sair das conversas levando as conversas além das formas como já levam dentro de si. Fazendo suas conversas alcançarem além delas

³ <https://www.nytimes.com/2017/10/22/opinion/chicago-gangs-crime-mothers.html>

mesmas, outras pessoas, deixando que sejam atravessadas, como aconteceu comigo com a história de Chicago.

Assim cheguei à Casa Tombada, que propunha uma pós-graduação em Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano, na expectativa de que eu poderia aprender a contar histórias dos processos com os quais me envolvo, das conversas que preparo e facilito, das memórias que vão sendo construídas nessas conversas, das potências que são reveladas nesses encontros.

E é dessa maneira também que chego a esse trabalho de conclusão de curso em que trato dessas conversas e da narração delas. O que acompanharemos aqui é 1) um exercício de conversa com outras pessoas que se interessam e se debruçaram sobre elas, especialmente Jorge Larrosa, e sobre sua importância, exercício esse mais íntimo e poético; e 2) também um outro exercício de vivenciar uma forma de conversar, inspirada no diálogo com Jorge Larrosa em suas Notas sobre a experiência e o saber da experiência (Larrosa, c.1, p. 10), esse ocupando o lugar do espaço público como ambiente natural das conversas diárias e cotidianas, quase imperceptíveis.

Faço aqui um convite para essa jornada conversacional, para a experimentação da liberdade da conversa, para o sentido que ela traz para cada um e cada uma de nós e para nós em conjuntos de pessoas, sejam conhecidas ou desconhecidas ou que conhecemos ao longo dos dias em que nos levantamos e seguimos nossas vidas seja como for. Que possamos aqui nos deleitar com o lugar que as conversas ocupam em nossas vidas e a importância que adquirem para que sejamos quem somos e vivamos em comunidade, em sociedade.

1 Aberturas

Para a abertura deste trabalho, gostaria de propor um exercício de imaginação. Imaginemos que recebemos convites para viver uma experiência de conversas e os convites vieram com endereço. O endereço é de uma casa térrea antiga com a porta grande pegada na calçada e os cômodos vão acontecendo até chegar no quintal. A casa fica em frente à praça central de um bairro de uma cidade grande, e dá pra chegar caminhando ou de trem. A casa fica perto da estação de trem.

Na primeira sala de todas, uma grande, estão nas paredes proposta de imaginação de conversas possíveis a partir de lembranças. Algumas estão postas e há espaços para outras. Quem chega pode complementar. No seu caminho até chegar a essa sala, o que você percebeu que parecia uma conversa? O que você também gostaria de imaginar?

Deixe sua lembrança também.

		<i>Angela Castelo Branco e Renato Gelamo: percurso voz-escrita Imagine que elas borraram para sempre as fronteiras entre a voz e a escrita, fundiram as linguagens e nos fizeram existir por inteiro.</i>
<i>Jorge Drexler Imagine que ele resolveu falar sobre o eco do eco do eco de um sentimento. E que estamos vivos porque estamos em movimento. E que decidiu contar isso melhor filmando Lorena, a mexicana dos pés ligeiros.</i>		<i>Aos Olhos de Ernesto Imagine que Ernesto, aos setenta, decidiu tomar conta da própria vida e confiar em quem bem entendesse e amar o seu amor que ficou pra trás.</i>
<i>Carlos Drummond de Andrade Imagine que ele acordava sempre cedo para escrever e ficava escrevendo por seis horas, mesmo que não escrevesse nada e, numa dessas, escreveu: mas as coisas findas, muito mais que lindas: essas ficarão.</i>	<i>Gabriel García Marquez Imagine que ele escreveu Cem Anos de Solidão e nos fez sentir o calor de Macondo (um lugar inventado) ao nos contar as aventuras de José Arcádio Buendía e seu legado interminável de curiosidade e criação de mundos.</i>	
	<i>Carlos Drummond de Andrade Imagine que ele acordava sempre cedo para escrever e ficava escrevendo por seis horas, mesmo que não escrevesse nada e, numa dessas, escreveu: mas as coisas findas, muito mais que lindas: essas</i>	<i>Dominguinhos Imagine que quando ele chegou novinho no Rio de Janeiro foi tocar na barca (transporte público) que leva os passageiros diversas vezes ao dia no percurso Rio-Niterói-Rio. Quem fazia a travessia escutava</i>

	<i>ficarão.</i>	<i>Dominguinhos e a sua-sanfona-extensão-de-sua-alegria-e-de-sua-tristeza, pelo valor que hoje equivale a R\$ 4,00 - preço de uma passagem.</i>
<i>Luiz Gonzaga Imagine que foi ele que fez com que Dominguinhos pudesse fazer isso, abriu os caminhos antes.</i>	<i>Bartolomeu de Campos Queirós Imagine que ele lembra, quando era pequenino, que sabia quando a sua mãe estava sentindo muita dor por uma doença grave que vivia, porque ela cantava, e cantava lindamente.</i>	
<i>Astor Piazzolla Imagine que ele escreveu e tocou Adios Nonino e que uma amiga minha deixou a comida queimar ao ouvir e chorou e que pessoas dançam milongas ao saírem de suas jornadas de trabalho nas ruas sem saberem com quem estão dançando, parte do dia.</i>	<i>Paterson Imagine que um homem fazia tudo igual todos os dias, amava sua mulher e seus dias, dirigia um ônibus de transporte público e escrevia poemas, todos os dias.</i>	<i>Agnes Varda e JR: Visage Villages Imagine que ela com mais de 80 e ele com pouco mais 30 viajaram juntos para encontrar e fotografar vidas inesperadas e invisíveis e provocar conversas. Fotografaram trabalhadores em dois turnos diferentes que nunca se encontravam. E com as fotos, fizeram se encontrar no dia seguinte. De alguma maneira, finalmente conversaram.</i>

A segunda sala da casa é a cozinha e várias pessoas estão conversando sobre a experiência da conversa...

Nessa sala/cozinha, que é bem grande, há mesas, balcões, pia, lugares pra encostar. Tem gente cozinhando, bebendo, petiscando e conversando sobre conversas, sobre a experiência das conversas. Há muitas pessoas, autoras e autores inclusive, que refletiram e refletem sobre a potência dessa forma relacional a partir de muitos olhares e vivências e que fazem caminhar no sentido da conversa como possibilidade de criar novos mundos, de estabelecer novos estados de relação, de construção de afetos, tantas potências fundamentais que constituem, como veremos, a conversa como direito, direito humano à conversa.

Quem chega nessa sala, recebe um convite à aventura de se somar às reflexões várias vindas desde o lugar da educação, da pedagogia, da arte, da literatura e do que captarmos que é.

O exercício aqui para este trabalho foi o de colocar as autoras e autores em diálogo literal a partir de extratos de produções suas que trouxeram reflexões sobre conversas e

que derivaram perguntas e reflexões minhas, complementando o diálogo. É a construção de uma conversa fictícia que empreendi aqui, como se essas pessoas estivessem nessa cozinha conversando. Ou seja, em um exercício imaginativo, promovi um encontro entre François Moise Bamba (FMB), Paul Auster (PA), Toni Morrison (TM), Jorge Larrosa (JL), Fernando Chuí (FC), Marcia Tiburi (MT), Letícia Liesenfeld (LL), Giuliano Tierno (GT), Jorge Luís Borges (JLB) e João Moreira Salles (JMS)⁴. Tomei contato com algumas obras lindas dessas autoras e autores durante a pós-graduação em Narração Artística d'A Casa Tombada. São poucas pessoas, mas são grandes os mundos, e como a cozinha é grande, cabem novos mundos, como o seu, como o meu, e os nossos. Vamos imaginar e conversar.

Conversa com e entre autores e autoras sobre conversas, histórias e seus entrelaçamentos

Entrevistadora imaginária: Ana Letícia Silva (ALS).

ALS: Sobre o que vocês gostariam de conversar hoje? O que vocês trazem para essa conversa, para essa partilha? Que cuidados? Que solturas? Qual a palavra?

JLB: Lembrem do que dizia Emerson: argumentos não convencem ninguém. Não convencem ninguém porque são apresentados como argumentos. E então os contemplamos, e refletimos sobre eles, e os ponderamos, e acabamos decidindo contra eles. Mas quando algo é simplesmente dito - ou melhor ainda - insinuado, há uma espécie de hospitalidade em nossa imaginação. Estamos dispostos a aceitá-lo. (p. 40)

FMB: Cuidado com os movimentos: escolher os momentos apropriados. Alcançar a vontade de possuir uma história para dar vontade de contar, despertar interesse. Há pequenos detalhes que precisam ser trazidos para que se possa acompanhar a história⁵.

FMB: Tomar consciência de coisas e partilhar a palavra. Levar a escuta ao limite: aprender a dosar para continuar a amar. Encontrar o nosso limite para aprender a ir além. Esquecer o que eu sou e o que sei para realmente conhecer você. Depois voltar e aí sim concordar ou

⁴ Todos os trechos mencionados na entrevista são retirados fielmente das obras dos/as autores/as citados/as nas referências bibliográficas. Não há mais de uma obra de cada autor/a. Os números das páginas estão indicados após cada trecho transcrito na conversa. Sei que não estou seguindo o padrão normativo de citação de referências bibliográficas, peço licença poética aqui.

⁵ Tudo o que se refere ao Griot François Moise Bamba é fruto de uma oficina de dois que ele ministrou n'A Casa Tombada em novembro/2019, da qual eu participei e tomei notas e contem das referências bibliográficas deste trabalho. São minhas notas a partir da fala dele. Peço desculpas se não refletirem a realidade e posso ajustar.

discordar. Nossa escuta sincera pode criar uma escuta no outro.

JMS: É obsceno duvidar da palavra. No momento em que você se sente obrigado a provar, você já está no terreno da dúvida. É obsceno tentar provar que a palavra é verdadeira. O ato afinal é a palavra e basta a palavra. Você não tenta desprová-lo provando que o que ele disse é verdade. Ser ouvido é ser legitimado⁶.

JL: Não queremos que nos compreendam, mas sim que nos escutem, e somos capazes de oferecer, em troca, nossa capacidade para escutar o que talvez não compreendamos. (p.57)

FC e MT: A atenção é um olhar sobre processos. (posição 1064)

O preparo da palavra

Não parece ser possível se preparar totalmente intencionalmente para uma conversa ou cuidar de escolher e organizar as palavras para uma conversa. O gesto do preparo da palavra que vai conversar é um gesto atento sem ser pesado, que escuta sem se esforçar, que permite que as palavras se encontrem e se transformem no ar depois de serem ditas, verbal ou não verbalmente, podendo provocar revisões de palavras que estavam por vir. Ao preparar a palavra para a conversa, permitimos que ela seja outra porque se colocará em relação. A conversa é o devir da palavra.

ALS: Como trazemos a palavra para a conversa? Como ela chega? Como ela alcança quem escuta? Onde ela alcança?

FMB: Antes da vida sempre teve a vida. Toda história contada tem a história maior. É desde um dia que alguma coisa começou. Guardar a emoção do momento.

PA: Quando uma pessoa descobre que é capaz de fazer algo bem, em geral quer continuar fazendo isso, e fazer isso com a maior frequência possível. (p.129)

FMB: Compartilhar pontos de vista. Cada um faz seu caminho. Consciência importante na narração sobre o caminho que a tomada da palavra faz. As ferramentas do narrador são a

⁶ As falas de João Moreira Salles também estão sem indicação de página, pois referem-se a uma aula magna conferida por ocasião da Ocupação Eduardo Coutinho, realizada pelo Instituto Itaú Cultural, cuja referência consta das referências bibliográficas deste trabalho.

voz, o olhar e a presença. Ele é um portador da palavra, um portador de histórias. Há histórias que já são.

PA: Que ideia mais interessante, disse Ferguson para si mesmo: imaginar como as coisas podiam ser diferentes para ele, ainda que ele fosse a mesma pessoa. (p. 62)

O caminho da palavra

A palavra é a própria vida. A vida que acontece e vai construindo a palavra. A palavra que é acionada por um motor que a expectativa da conversa faz girar e alimenta, coloca ritmo. Numa conversa, todos somos narradores, portadores de nossas próprias histórias e perceptores de outras, que vão se misturando. E as pessoas portadoras das histórias caminham para as conversas, levando suas palavras que percorreram diferentes caminhos até o encontro, palavras mesmas e diferentes. As pessoas portadoras das histórias, ao caminharem para uma conversa, caminham para a possibilidade real de se resignificarem a cada conversa. Esse caminho é de grande expectativa e risco.

ALS: Qual a palavra que chega? Onde ela chega? O que ela tem que ter pra chegar? O que acontece quando e onde ela chega?

FMB: O importante da história é o esqueleto, o fio, ela pode ir sendo vestida depois. Generosidade da partilha, aceitação. Surpreender-se com a escuta. Não devemos ter limite quando estamos em cena, a não ser o limite de estar com os outros. Consciência de dizer qualquer coisa, mas dizer o que está fazendo, lembrar, declarar. A verdade de ontem não é necessariamente a verdade de hoje.

LL e GT: A liberdade do percurso guiado, arte do percurso cuidado, arte guardada, arquivada, curada: caminho para fazer emergir.⁷

FMB: Musicalidade para embelezar. Consciência sempre: guardar a palavra, tomar um lugar. Humanidade: caiu na armadilha do tempo, na urgência que nos faz nos perder de nós mesmos. Silêncio: sem duração precisa. O contador tem que se apagar em algum momento

⁷ Leticia Liesenfeld e Giuliano Tierno disseram coisas lindas e importantes ao longo da pós-graduação em Narração Artística: contar histórias em contextos urbanos (turma 14), da qual sou aluna. O que está aqui são trechos de notas que tomei de suas falas preciosas. Compõem as referências bibliográficas deste trabalho.

para deixar a palavra encontrar seu lugar. Silêncio é consciência. Na escuta também. Energias ficam na sala. Cuidar.

PA: Ficou admirado ao ver que, quando seus olhos pousaram nas costas dela, exatamente no centro, entre as duas escápulas, imediatamente ela se virou para trás e olhou para ele, como se tivesse sentido seus olhos tocarem sua pele. (p. 385)

FC e MT: Não se trata mais de 'representação' da vida, mas de 'apresentação da vida'. Da vida se pondo enquanto se mostra, mais do que da vida se expondo. Em suma, da própria vida enquanto acontecimento do corpo. (posição 522)

A chegada da palavra

A palavra guardada, cuidada, consciente é a que vai chegar, porque foi preparada para o acontecimento, para a experiência. A palavra vivida, experimentada chega para a conversa. É a palavra que contém escuta e atenção numa composição quase inerente por isso, assentada o suficiente para se colocar em relação, para se libertar e correr riscos, corajosa para encontrar novos assentamentos. Essa é a palavra que consegue conversar, que não disputa, escuta, que quando fala, escuta, que quanto mais escuta, mais existe. E existe porque conversa.

ALS: E qual a forma que a palavra toma quando ela chega? Quem sugere ou compreende essa forma? Em que momento isso acontece?

FC e MT: Sobre a questão específica do texto/desenho ou imagem/palavra a que você se refere, pensei nos escritos de Ezra Pound que buscavam uma espécie de semiótica da linguagem poética. Ele analisou o corpo do poema em três níveis: a melopeia, a música do texto, seu ritmo, suas melodias; a fanopeia, as imagens propostas; e a logopeia, algo como a dança do intelecto no espaço, a produção de ideias no processo estético da construção e na fruição do texto poético. (posição 765)

LL e GT: O poema é mais democrático e solidário ao não estar centrado na ideia. Talvez não precisemos compreender tudo. Que escolhas eu faço? Que imagens eu levo? O que eu escolho para me salvar?

PA: A necessidade de música que percorria seus corpos, o que nessa altura de suas vidas

não era nada diferente da necessidade de encontrar um meio de existir no mundo. (p. 143)

PA: Mas um mundo irreal era muito maior do que o mundo real e, nele, havia espaço mais do que o suficiente para uma pessoa ser, ao mesmo tempo, quem ela era e quem não era. (p. 91)

A poesia da palavra

A palavra que conversa é poética e expressiva porque escuta, dança, se entrelaça, compõe e se transforma. Atiça a curiosidade por enxergar a imagem da expressão da palavra quando está em conversa com sua cadência, seu ritmo, seus altos e baixos, suas vozes e silêncios, seus avanços, recuos e esperas, suas composições nesse estado. Algo como pegar a conversa no ar, aquilo que pousa a partir de três palmos acima da mesa de bar e reverbera deformando permanentemente a conversa, que vai tomando formas e rumos inesperados e inusitados. A forma da conversa é a forma acontecida e é o próprio devir de quem conversa. Quem nos tornamos ao conversar.

ALS: O que acontece quando a palavra alcança mais alguém ao mesmo tempo e de formas aproximadas no acontecer? O que acontece se mais de uma pessoa foi alcançada de forma parecida ou ao mesmo tempo ou simplesmente é tocada pela palavra, ainda que ao seu modo?

FC e MT: Refúgio é o lugar seguro aonde vamos nos proteger, para descansar e traçar os novos planos. (posição 94)

PA: Por outro lado, Artie Federman o deixava calmo, e calmo de um modo como nenhuma pessoa o deixava, pois estar na companhia daquele garoto novo dava a mesma sensação de individualidade que Ferguson sentia quando estava sozinho. (p. 271)

TM: A memória (o ato deliberado da rememoração) é uma forma de criação que depende de um ato de vontade. Não é um esforço para descobrir como tudo se deu de fato, isso é pesquisa. O ponto é refletir sobre o modo como se dá a aparição da memória e por que ela se mostra de determinada maneira. (p. 436)

FMB: Corpo coletivo, generosidade, cultivo, relação comunitária. O que paramos para nos dar conta que é extraordinário? Quais movimentos parecem banais e simples e não são? O

caminho da cura já nos faz bem. Dar uma palavra que faz bem a alguém. Caminho que pode ser o justo para uma situação. E que muda todos os dias. Consciência, respeito. Consciência que o portador da palavra deve ter: a palavra nobre.

TM: Ou seja, sua memória daquela época tal como ela me conta é tanto um véu que esconde certas partes quanto um rasgo pelo qual se faz possível enxergar. Acredito que essa pequena seção é a essência da memória que se transforma em nostalgia e remorso, até vir a ser, por fim, uma possibilidade bastante tênue, mas não tão frágil, de esperança pelo presente. (p. 433)

A memória da palavra

A palavra quer voar e conversar e é na memória que ela encontra cais para se lançar. Assim como essa memória também se faz na conversa que é experiência, é acionada e também se cria por alguma toada, algum caminhar da conversa difícil de explicar, reforçando a capacidade da conversa tomar formas de expressões narrativas que deslocam tempo e espaço, vagando sem controle e transbordando os três palmos acima da mesa do bar. Por vezes, a palavra na conversa chega em forma gesto, a representação máxima e sintética e poética da memória. Há uma espécie de aquietação aqui, de se estar onde se deveria estar.

ALS: Que lugar ocupa a palavra partilhada, comunitária?

FMB: Palavra. Revelar humanidade: minha e do outro. Partilhar a palavra. Palavras que acompanham as pessoas: essência do conto. Nos construímos de momentos. Missão: vira prioridade. Sempre há várias razões. Estar justo consigo mesmo. Nossa relação, nosso amor.

PA: Sim, tudo era possível, e só porque as coisas aconteciam de um jeito não queria dizer que não podiam acontecer de outro. Tudo podia ser diferente. (p. 63)

FC e MT: Por político entendo o campo das partilhas, do que é comunicável em algum nível, especialmente o nível dos afetos e dos desejos. (posição 39)

TM: Eu queria que minha obra implicasse o trabalho de desabilitar a discussão entre arte e política e que efetuasse a união entre estética e ética. (p. 450)

FC e MT: Sob o véu da estética subjaz o caráter político da experiência. Tal véu não pode, nem deveria, ser retirado da cena, pois só podemos ver através dele. (posição 36)

TM: Porque é relativamente fácil identificar valores isolados. O problema se complica quando esses valores entram em conflito com outros. Nesse ponto é preciso descobrir como proteger o que há de melhor nas sensibilidades do grupo; como proteger os impulsos mais nobres. Quais são as estruturas acolhedoras dignas de serem preservadas pela comunidade? Quais os genes culturais que oferecem segurança emocional, os costumes que possibilitam liberdade sem risco excessivo ou destruição, que possibilitam coragem sem imprudência, generosidade sem desperdício, apoio sem dominação e, em tempos de problemas gravíssimos (como em alguns dos países negros no exterior), recursos para sobrevivência que podem muito bem incluir ferocidade contínua e calculada. (p. 304)

A palavra comunitária

A conversa, que acontece de tantas formas, pode converter a palavra em minha e sua, e sua também. Esse fenômeno da palavra que se torna partilhada acontece na conversa, no reconhecimento da palavra que toma forma de código e aproxima, e produz uma espécie de segredo e entendimento comum. A palavra comunitária é a palavra que possibilita e expande, pode derrubar muros, muitas vezes inexistentes, porém existentes, pode fundir e criar outras palavras que abriguem uma outra ação política. Quando a conversa alcança o lugar da palavra comunitária requer ser preservada e continuada. Espaço da palavra em que riscos e exageros podem ser diluídos, partilhados também. A conversa ganha segurança e proteção.

ALS: Qual a imagem que vai se desenhando para a palavra que chega, que encosta, que se transforma na relação, que assenta nos corações coletivos? Quando a palavra se torna comum?

FMB: Relação com os objetos, precisar na cabeça. Suscitar emoção em alguém. Não querer controlar essas emoções. Generosidade de que a pessoa receba a emoção como for bom para ela. Possibilidades de algo acontecer. O que a história cria em mim. Não pode ter urgência. Dar tempo ao tempo.

PA: uma imagem tão impressionante e carregada de sentidos que ele se via obrigado a

conter o choro toda vez que pensava nela. (p. 734)

FC e MT: Escrevo isto porque gostei muito da definição do desenho como 'um plano de voo que voa'. (posição 370)

PA: O tempo se movia em duas direções, porque cada passo para o futuro trazia uma lembrança do passado, e, apesar de Ferguson ainda não ter feito quinze anos, tinha acumulado memórias suficientes para saber que o mundo à sua volta era continuamente moldado pelo seu mundo interior. (p. 386)

FC e MT: O que gosto muito no desenho é que ele engana e revela suas artimanhas ao mesmo tempo. (posição 1083)

A palavra comum

Aqui está solta a palavra que acontece para ser captada no que acontece. A palavra descontrolada e capturada pela conversa. A palavra que ganha vida própria e ela própria se torna pessoa. A palavra desejada sem saber e, por isso, solta e também retida. A palavra em movimento pleno acionado pela conversa que, a uma altura, já não se sabe mais quem disse ou trouxe ou propôs o quê, ficou o que assentou, sem saber se era passado, presente ou futuro, apenas era, apenas é. A cara da palavra comum é a cara da conversa conversada e assentada, a conversa partilhada. É a palavra justa, a palavra de bom tamanho, que cabe.

ALS: E quando e como é que a palavra é narrada, é contada, é história?

TM: Aqui gostaria de fazer o que sempre faço quando as perguntas se tornam respondíveis apenas pelo ato da narração: começar a história. (p. 342)

FMB: O portador da palavra acompanha a palavra de uma intenção. Silêncio: ouvir o que pode tocar. Tempo da tradução, sorte do percurso. Disponibilidade da escuta. Que eu seja canal para ela se expressar através de mim - intenção - chega.

TM: A narração é um dos modos como organizamos o conhecimento. Sempre achei que era a forma mais importante de transmitir e receber conhecimento.

FMB: Quanto mais damos à história, mais ela nos dá de volta. Alguns podem não aceitar, não gostar. Escuta do público, do espaço. Escuta de nós mesmos. Confiança no momento de dizer, e dizer. Devemos ser os primeiros a acreditar em nossas histórias.

TM: A paixão nunca é suficiente, nem a técnica. Mas tente. Por nós e por você mesma, esqueça seu nome na rua; conte-nos o que o mundo lhe tem sido à luz do dia e na escuridão. Não diga no que devemos acreditar ou o que temer. Mostre a saia larga da crença e o ponto que descostura a rede do medo.

A palavra que conta, que narra

Essa palavra não existe, quem existe e resiste é a história. A palavra se aproveita. E a história é o que acontece na interação de sua narração com sua audiência, ainda que esta seja invisível, no percurso obrigatório, natural. A história sempre conversa. Sempre é uma conversa, no tempo e no espaço. Parte da palavra que é comum, que é justa e é de mais. A palavra narrada na história é a experiência acontecendo. Que bebe da palavra comum e compartilha a experiência, criando reconhecimento e um fio comunitário. A surpresa de que o conhecimento está em nós e conosco. E pode ser aprimorado e transformado sempre. A certeza de que não estamos sós e assim podemos caminhar. Que alívio e possibilidade mais partilhada para seguir. Você pode provocar a sua própria história e fazê-la acontecer. Precisa se colocar em escuta e estar atenta além, ao que é você, mas é também outros e outras, é se colocar e estar no mundo.

ALS: E quando e como a palavra é experiência?

PA: e quando a sedução produzia seu efeito e a guarda deles baixava, as máscaras que traziam nos rostos, gradualmente, baixavam e um tipo diferente de luz começava a emergir de seus olhos. (p. 221)

TM: Escrever a leitura envolve sedução, atrair o leitor para ambientes que estão fora das páginas. Desqualificar a noção de um texto estável em favor de um texto que depende de um leitor ativo e ativado que está escrevendo a leitura em tinta invisível. (p. 467)

FMB: Desestabilizar para que a justeza da pessoa se revele no gesto. Qualidade da escuta. Acompanhar. Deixar as escolhas para as pessoas. Integrar situações não previstas no que estava previsto, sem desestabilizar. Qualidade superior. Encontrar o ritmo do outro.

Experimentar outros ritmos. Estar em acordo para complementar o outro. Chega na justa medida dos dois de acordo com a necessidade. Preciosidade do pequeno tempo.

PA: O que ele havia de fazer com tamanho enigma? Nada, decidiu Ferguson, absolutamente nada, pois a única resposta era continuar olhando para ela a fim de sentir a sensação cada vez mais prazerosa de estar sempre desestabilizado. (p. 883)

TM: Imaginação que personalizasse a informação, que a tornasse íntima, mas que não se oferecesse como um substituto. Se a imaginação pudesse fazer esse papel, então haveria possibilidade de conhecimento. Quanto à sabedoria, eu não tocara nisso, claro, e deixaria aos leitores a tarefa de produzi-la. (p. 413)

A palavra-experiência

Essa é a palavra que conversa com a nossa pele, com o nosso impulso, com a nossa intimidade desconhecida, é a palavra que quando conversa invade, embola, age enquanto é pronunciada, às vezes antes de ser pronunciada já aconteceu. É a palavra que desestabiliza e inebria e pode até viciar. É a palavra que sendo nossa e sendo comum passa a ser de cada um e cada uma, tendo sido coletiva antes. Às vezes, podemos até pensar que não damos conta dessa palavra, mas ela é a mais justa de todas, porque ela nem precisa ser dita, ela já aconteceu antes. Quando é dita, fica um pouco aquém. É isso. A palavra que é sempre aquém. Alcançá-la é renascer.

FMB: Percurso que nutre o homem. Produzir um efeito no outro. Busca a perfeição: aproxima da excelência, também para as relações. Contar histórias onde há muita gente. Histórias têm função de construir, de tocar algo preciso em você. Tomar consciência do valor profundo da palavra que chega até nós. Criar hábitos sociais importantes. Contamos histórias à nossa maneira. As histórias fazem percursos nas pessoas. Pessoa portadora de uma palavra: consciência profunda da história. Vai além de uma história contada.

TM: Operando com essas regras, o texto, se levar em conta a improvisação e a participação do público, não pode ser uma autoridade, deve ser o mapa. Deve abrir caminhos para que o leitor (a plateia) participe da história. (p. 442)

PA: Assim como a experiência que todos tinham do mundo era moldada por suas próprias

memórias e, embora todas as pessoas estivessem unidas pelo espaço comum que compartilhavam, suas jornadas através do tempo eram todas diversas, o que significava que cada pessoa vivia num mundo ligeiramente distinto do de todos os demais. (p. 386)

TM (para James Baldwin): O segundo presente foi sua coragem, que pudemos compartilhar. A coragem de quem conseguia ir à vila na condição de estranho e transformava as distâncias entre as pessoas em intimidade com o mundo inteiro; coragem para entender essa experiência de uma forma que fazia dela uma revelação pessoal para cada um de nós. (p. 310)

O direito à palavra

A palavra e, ainda mais, a palavra conversada, nos revigora e nos reconcilia e, em última instância, nos faz caber no todo sendo nós mesmos e mesmas, com a nossa própria palavra. Por isso, a palavra é um direito, direito de nos dizer como nos lembramos, como nos podemos, como nos ampliamos, como nos assentamos, como amamos, como morremos, de onde viemos, como renascemos. Conversar é um direito. Direito de colocar a nossa palavra em partilha e em relação e poder modificá-la e poder ser outra para que sejamos nós como somos: com tudo, com nada, com sede, com fome, com medo, com frio, com calor, com amor, com desejo, com raiva, com afeto, com cuidado, com gentileza, me despeço. Estamos num circo. Podemos aplaudir. E podemos levar as lembranças e risadas e tristezas que quisermos. É seu direito levar as palavras que te cabem e te vestem melhor. Já somos outros e outras.

2 Conversa poética com Jorge Larrosa acerca de suas Notas sobre a experiência e o saber da experiência⁸

Há pouco mais de três anos, quando me deparei com as *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* de Jorge Larrosa, foi um espanto. Senti igual Bartolomeu Campos de Queirós⁹ disse que quando encontramos uma coisa bonita demais, "a beleza não cabe em você", aí precisamos "passar para alguém". Sem controle, me pego praticamente andando com esse texto debaixo do braço e entrado no coração. Ele sai sozinho com as minhas palavras. Um texto que se instalou, sentando num sofá desses que a gente afunda. Tornou-se experiência. É com esse texto assentado no sofá que tenho agora a chance de conversar.

Por exemplo, se eu conto pra você que eu estou há-mais-que-um-ano-quase-em-casa e digo apenas isso, esse 'isso' é o que muita gente está vivendo. Mas se eu digo que estou há mais-que-um-ano em casa e já não me lembro da vida como era antes e estou com medo de não saber viver de novo o encontro (que surpresa!), estou dizendo algo que me atravessa. E esses quase-mais-que-um-ano parece gestação de um rebento já rebentado que se prepara para reaprender a viver e, claro, a morrer.

Por exemplo, de novo, durante o percurso de voz-escrita que percorremos neste percurso d'A Casa Tombada, escrevi: palavras soltas e presas, enredadas em outras que chegam voando, aterrissando, altas, baixas, sussurrando ao pé do ouvido. Palavras com cheiro de corpo e de cor, hálito e sofá. Não sei o que fazer com tantas palavras porque elas passam. Ou ficam: e devem estar se arquivando em prateleiras e gavetas internas que eu jamais desconheço. Tenho muita vontade de lembrá-las e agarrá-las todas, organizá-las por espanto e por risada. Mas elas gostam de ser livres mesmo presas dentro de mim. E me roubam delas mesmas e me deixam numa espécie de neve, que é gelada, que não é silêncio, que é molhada, que não é silêncio, que é branca e pede para ser desgelada com facão e coragem de transformar inverno em verão. É disso que se trata: de fazer acontecer a estação que couber na bebida que você acabou de comprar e na vida que você acabou de decidir seguir. Porque é disso que se trata: de ter olhos que escutam, ouvidos que cheiram, peles que 'avessam', apenas para viver e experimentar.

⁸ Todo este capítulo é baseado no artigo de Jorge Larrosa Bondía, *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, contido como um capítulo do livro *Tremores*, que consta das referências bibliográficas deste trabalho.

⁹ https://www.youtube.com/watch?v=1-z-8O31_qc

Larrosa nos convida a essa aventura com naturalidade "(...) a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação." (Larrosa, p. 11)

À medida em que me aventurei a dialogar com o artigo de Larrosa, foi acontecendo a imagem cotidiana de conversas que podem acontecer e acontecem em espaços públicos, nos transportes públicos. Imaginei os bondes que transportam as pessoas desde há tanto tempo atrás e até hoje. Fiquei com a imagem dos bondes por sua época, por seu romantismo, por sua beleza, por sua simplicidade. E o diálogo foi acontecendo curioso, inquieto, poético e possível, como segue aqui.

Em diálogo com a nota 1

Larrosa reflete que a experiência vem sendo atordoada, avexada, alijada, rareada, excluída, impossibilitada por excessos como informação, opinião, novidade, movimento, atividade, trabalho e a pressa do tempo. Os acontecimentos permanecem acontecendo sem que paremos para os notar, sem que os percebamos e estamos perdendo seu fio e a nossa vontade. "A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço." (Larrosa, p. 18)

Pergunto: se pensamos nos bondes, esse lugar em que corremos para ir de um lugar a outro, pelo qual passamos, mas que comporta espaço de conversas possíveis, o quanto queremos genuinamente que as pessoas subam no bonde e participem das conversas? O quanto a experiência do outro, que acabou de entrar ou que já estava no bonde nos é interessante, importante? Quanto queremos criar abertura para escutar, saber, conhecer essa conversa?

Imagino, voltando do trabalho, prestes a subir no bonde:

Certa feita meus olhos pegaram
fogo e meu coração embolou
Eu vi o dia querendo ser noite

e a noite (chegando) o dia alisou
Nessa hora alguém soprou,
bem de fininho, quase nada: ocaso
Imagine o tamanho do meu espanto:
Tem palavra que sozinha
já é o próprio encanto
Essa daí, no meu corpo, logo tomou assento
Aí eu entendi o que é um acontecimento

Em diálogo com a nota 2

"Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se 'ex-põe'. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada ameaça, a quem nada ocorre." (Larrosa, p. 19)

Pergunto: Como criamos experiência, acontecimento? Como produzir afetos, efeitos, voz? Quais são os lugares em que as coisas acontecem? Como criar os lugares, as aberturas? O que é preciso?

Imagino, continuando a história que eu comecei a contar, saindo do trabalho, já anoitecendo, já subindo no bonde:

Daí que eu corri dois perigos
daí pra mais
O grande mesmo, um exagero:
atracar no cais
Só porque o dia não era dia,
mas também não era noite
Vai ficar parada aí sem rumo?
O próximo passo é o açoite
Mas fiquei comovida e parei
mesmo assim
Até pra poder subir no bonde
E contar tudo tim tim
por tim tim

Em diálogo com a nota 3

"O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião." (Larrosa, p. 19)

Pergunto: Para correr perigo é necessário alguma confiança, travessia, alguma segurança. Quais são as condições para a minha entrega, para a minha abertura? Colocando a abertura como uma dádiva que precisa ser cuidada. Ninguém se abre à toa. Como se constrói prontidão?

Imagino, já dentro do bonde, sentada, contando história já com gente atenta:

Sei que dessa eu saí viva:
atravessada, mas viva.
Nem morta nem acabada,
só um pouco arranhada.
Até porque a noite chegou,
ufa! E eu até fome já sentia.
Lembrei dos bolinhos de chuva
da casa da minha tia.
Agora com outro sabor:
açúcar, canela sim
E um pouco de louvor.

Em diálogo com a nota 4

"(...) pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação." (Larrosa, p. 21)

Pergunto: A experiência, então, precisa ser cuidada. Até onde se pode ir? Experiência converte-se em conhecimento? Experiência já é o conhecimento? Surpresa possível, não arrebatado porque fica fora. Mas o que consegue ficar de verdade, dentro? O que sobra? Encantamento. Alumbramento.

Imagino, já chegando no fim da viagem, perto do momento de saltar do bonde:

É por isso que aqui
neste momento preciso

Me atirando neste vagão
cheio de gente e aviso:
"Cada um vê o mundo com o coração que tem"
Eu sei. Mas achei que isso era (o) caso
De gostar de você também
Pensando que a minha voz encosta
No coração que você tem
Igual o dia que encostou na noite
Já estamos em outro lugar?
Amém

Em diálogo com a nota 5

"A paixão tem uma relação intrínseca com a morte, ela se desenvolve no horizonte da morte, mas de uma morte que é querida e desejada como verdadeira vida, como a única coisa que vale a pena viver, e às vezes como condição de possibilidade de todo renascimento." (Larrosa, p. 22)

Não consegui perguntar nem falar. Silêncio. Mas mesmo morrendo um pouco, fiquei com vontade de conversar mais. Aí me veio de passar na casa da minha tia pra fazer uma visita (fazia tempo que eu não ia) e pra contar o meu dia:

Foi tudo isso e não foi troco
No peito, ia assim um sufoco
Eis que me deu cinco minutos
E eu pensei: só conversando
Mais um pouco
Vou passar ali loguinho
Pra dois dedo de prosa
E quem sabe janto um ranguinho?
Preciso contar o que eu vi
O que eu falei, o que eu ouvi
O que eu senti se não
Posso até explodir

Em diálogo com a nota 6

"Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece." (Larrosa, p. 24)

Pergunta: em que lugar de nós elaboramos esse desejo da partilha, aquilo que experimentamos, que nos aconteceu e que não cabe em nós, que se não partilharmos parece que está faltando alguma coisa? Como podemos criar espaço e escuta para essa partilha?

Ali chegando de surpresa
Fui tocando a campainha
Quem tava lá junto? Mainha.
Só sei que me deleitei
O que era pra ser bom
Virou ótimo e eu até silencieei
Mesa posta coração farto
Percebi meu mundo vasto
Contei que no meu bonde
Da noite que ainda era dia
Teve fala, teve escuta
Teve gente que se assusta
Mas teve principalmente:
Bondía!¹⁰

Em diálogo com a nota 7

"Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditivo e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer'." (Larrosa, p. 26)

¹⁰ homenagem a Jorge Larrosa Bondía, educador espanhol que tem seus estudos e reflexões centrados na importância da experiência

Pergunta: O que somos nós depois da experiência da conversa, cada um, cada uma de nós? Como nos enxergamos, como atuamos, como existimos?

E eu agora cá estou
Orando, mexendo, louvando
Na memória registrando
A magia dos dias idos e vindos
Na palavra que me restou:
Refazimento
Me refaço conversando
Te refaço me refazendo
A gente vai se embolando
Se embotando
E a vida sua minha
Num repente é alento

Parte desse diálogo poético repentista com Jorge Larrosa imagina a possibilidade de criar espaços para que essa pergunta sobre o que acontece com a gente quando a gente consegue conversar encontre lugar. Trago aqui uma aposta de que a narração, o registro, e a posterior sistematização das conversas são dispositivos que podem ajudar a reconhecer e prolongar a experiência. Aposta que não é só minha, de que há uma ética que acontece nas conversas e no "narrar, contar inclusive ao longo do caminho, contar o caminho, como uma ética que se repõe todos os dias"¹¹.

É como criar possibilidades de fazer enxergar e viver a conversa como a própria produção sistematizada da potência das vozes das pessoas quando em estado de conversa-experiência, e observar, sentir, captar o que pode acontecer depois.

¹¹ Letícia Liesenfeld e Giuliano Tierno disseram coisas lindas e importantes ao longo da pós-graduação em Narração Artística: contar histórias em contextos urbanos (turma 14), da qual sou aluna. O que está aqui são trechos de notas que tomei de suas falas preciosas. Compõem as referências bibliográficas deste trabalho.

3 Subindo no bonde da história

"Gostaria de conversar com você." (Larrosa, p.64)

Passamos para a última sala da casa, o quintal. A imagem criada é a do ponto final de onde partem os diversos bondes para realizarem seus percursos. Os percursos estão por ser criados baseados nas conversas que se quer ter em cada um dos bondes, cujos nomes serão sínteses dos percursos, ou onde se quer chegar, caso se tenha alguma ideia sobre isso. Os bondes das conversas, das histórias, vão partir juntos depois de definidos os percursos possíveis, desejados.

O espaço imaginado é o espaço público, onde as pessoas se encontram sem marcar e conversam como ato quase natural, quase sem querer. O lugar de um ponto final do transporte público, onde ônibus, peruas, bondes se encontram para partir. Para esses espaços vêm pessoas de tantos lugares, tão diferentes, vidas acontecidas de tantas formas, mas com o comum de simplesmente estar ali, ocupando esse espaço e se preparando para o percurso que, por alguns instantes, também é comum. Muitas vezes, nesses espaços, há outras pessoas vendendo comidas de rua, bebidas de rua e coisinhas de rua. A ideia é criar essa atmosfera.

Chegamos à sala da experiência da conversa, mais um lugar do encontro, da suspensão, do público, lugar que afirma e reafirma que "estamos todos no mundo e que estamos só de passagem"¹². O espaço público imaginado inspirado do espaço público real que realiza e concretiza a torrente de notícias, que pode comprometer a sanidade e discernimento, que pode causar afogamento, e que nos desafia a permitir e revelar a experiência e o discernimento, o encontro e subverter. Será que uma possibilidade seria transformarmo-nos a nós mesmos em "informação" para nós mesmos?

As conversas estão acontecendo o tempo todo e às vezes onde nem esperamos ou percebemos e muitas vezes revelando belezas. "Quer dizer, a beleza está à espreita por toda a parte. Pode chegar a nós no título de um filme; em alguma canção popular; podemos encontrá-la até nas páginas de um grande ou famoso escritor." (Borges, p.23) Enxergar sua existência, potência e beleza é exercício para acontecer diariamente, é pura construção, não se pode desistir. Desenhando outros canais, encontrando novas possibilidades, incluindo novas pessoas, as pessoas são diferentes umas das outras, amanhã aparece outra e te pede outra comunicação, outro tipo de conversa, não se pode desistir. Cada

¹² Magno Rodrigues: um dos/as professores/as que disseram coisas lindas e importantes ao longo da pós-graduação em Narração Artística: contar histórias em contextos urbanos (turma 14), da qual sou aluna. O que está aqui é trecho de notas que tomei de suas falas preciosas. Compõem as referências bibliográficas deste trabalho.

pessoa é um novo mundo possível, uma outra linguagem. Para acessar essas linguagens todas, é o nascer de novo. Quando a pessoa se declara a partir de uma pergunta interessada, ela já está se vendo de outro jeito. É uma espécie de renascimento, refazimento.

*Quem conta um conto
Por esses dias, e em outros também,
os narradores que contam contos a viva voz,
escrevendo no ar, celebram seus festivais.
Os contadores de contos têm numerosas
divindades que os inspiram e amparam.
Entre elas, Rafuema, o avô que contou a história
da origem do povo uitoto, na região colombiana
de Araracuara. Rafuema contou que os uitotos
nasceram das palavras que contaram
seu nascimento. E cada vez que ele contava isso,
os uitotos tornavam a nascer.*

(Eduardo Galeno, em Os Filhos dos Dias, p. 96)

Quando as pessoas conseguem conversar, milagres acontecem. Muitas vezes não conseguimos conversar, nos distraímos muito e perdemos um lugar quase sagrado que é o da conversa. Pode haver composição. "Se uso a palavra 'conversa' para lhe dizer, outra vez, que quero falar com você, é porque essa palavra sugere horizontalidade, oralidade e experiência. O que quero dizer a você, então, em primeiro lugar, é que precisamos buscar uma língua que não rebaixe, que não diminua, que não construa posições de alto e baixo, de superior e inferior, de grande e pequeno. " (Larrosa, p.63)

Facilitadores/as, como eu, preparam conversas com antecedência, fazem desenhos do passo a passo, ancoram esses desenhos em fios condutores, encadeamento de perguntas abertas que iluminam e para garantir as riquezas de contribuições de várias pessoas, preparando espaços para isso. Esses processos, muitas vezes, fazem as pessoas perceberem que sabem coisas que nem sabiam que sabiam. Perguntas iluminam. O fio condutor faz com que o que as pessoas falam se sustente, faz enxergar nexos. Ao final da conversa, a produção é de todas as pessoas, é coletiva, as pessoas se enxergam, autoria coletiva e isso sai do papel porque foi construído pelo conjunto de pessoas.

O que esse percurso de conversação pode proporcionar? Simplicidade e possibilidade de reaplicação por outras pessoas e em muitos contextos; ajudar a fazer as pessoas participarem das conversas; proporcionar conversa que privilegie o pensamento livre e criativo; reflexões e proposição de caminhos; estimular e inspirar outras conversas; provocar espantos, assentamentos, memórias reconhecidas.

A ideia é criar condições para que as pessoas tantas possam subir no bonde da conversa que quase sempre está em movimento, inclusive para que o lugar da janelinha possa ser revezado entre os passageiros e para que os que acabaram de chegar também possam ocupar esse lugar às vezes. Afinal, todos temos algo a contribuir, depende das condições que são criadas para acolher as contribuições.

Mas o que é criar condições para que quem deseja subir no bonde, consiga acompanhar o movimento do bonde e as conversas? Isso significa, por exemplo: informar para onde o bonde está indo e que percurso fará; dar uma mão para a pessoa subir; contar para a pessoa que chega o que estava sendo conversado no bonde; abrir possibilidades para que a pessoa participe da conversa e possa contribuir com o que ela sabe ou com o que ela gostaria de saber - quem tem dúvida e quem faz pergunta contribui muito! informar que a pessoa pode descer quando chegar ao seu ponto, assim como todas as pessoas que estão no bonde; e informar que ela pode pegar outro bonde se quiser, da mesma forma que pegou esse, pois ela pode querer mudar de caminho; e se ela quiser sentar na janelinha? Aí tem que assumir um pouco a função de quem conhece bem esse bonde e seu percurso e que quer ficar ali por um tempo pra dar uma força pra quem chega poder ficar mais confortável no bonde. Isso é sentar na janelinha. O/a motorista cuida do percurso, é o guardião do percurso. Jorge Larrosa adiciona:

"Além do mais, existe a questão da confiança. Quando se trata de ler, de escrever e de conversar não há nenhum objetivo exterior a essas práticas. Trata-se de abrir uma experiência individual (de cada um) e, ao mesmo tempo, coletiva (de fazê-lo juntos) orientada a fazer saltar essa faísca do pensamento friccionando-se as palavras de cada um com a palavras dos outros e, ao mesmo tempo, as palavras com as coisas, com o mundo, com o que vemos e com o que sentimos. Não há outro resultado que não o próprio processo, o calor produzido pela fricção, a energia. E o que se aprende não é outra coisa senão o pensar: o que (nos) acontece ao ler, ao escrever e ao conversar." (Larrosa, p.152)

Subindo no bonde da história em 4 movimentos de conversa

"O homem moderno volta à noite para sua casa extenuado por uma imensidade de acontecimentos - divertidos ou tediosos, insólitos ou comuns, atrozes ou prazerosos - sem que nenhum deles se tenha convertido em experiência." (Larrosa, p. 44)

"Necessitamos de uma linguagem para a conversação. Não para o debate, ou para a discussão, ou para o diálogo, mas para a conversação." (Larrosa, p.62)

Preparando a conversa

Elementos fundamentais	Atenção; escuta; inclusão; cuidado
Premissas	Todos têm algo a contribuir; nesses espaços acontecem boas conversas
O que vai acontecer?	Os cartazes informam os percursos dos bondes Dar uma mão para quem quer subir Contar o que está acontecendo no bonde Quem tem dúvida e quem pergunta contribui muito As pessoas podem descer e subir ao longo dos percursos Motorista: conhece bem o percurso Quem senta na janelinha tá por dentro da conversa, mas pode colocar outra pessoa em seu lugar, cuidando para que ela possa ocupá-lo
Ambientação da sala e produção dos cartazes-percurso	A preparação A estética da composição Mesas com cadeiras, chão com almofadas, só cadeiras, como for possível Mesa ou chão para apoio de comidinhas, bebidinhas e materiais, quando possível Paredes onde se possam os percursos dos bondes, quando possível

<p>Movimento 1 Chegada e aterrissagem</p>	<p>No espaço e no tema geral Aberturas Quem veio? O que vamos fazer?</p>
<p>Movimento 2 Criando e divulgando percursos, aproximando as linhas dos bondes</p> <p>Pergunta: <i>Que experiências lembramos que vivemos hoje?</i></p> <p>Respostas à pergunta de estímulo (oral ou escrita), aproximação por sentido, divulgação dos percursos em cartazes</p>	<p>Passageiros/as falam ou escrevem contribuições em cartelas. Ou falam e alguém vai anotando e aproximando sentido. As aproximações ajudarão a criar percursos de lembranças lembradas. Pode-se propor um nome para cada percurso acompanhando o sentido. Com isso, teremos a linha e o percurso de cada bonde.</p>
<p>Movimento 3 Viajando nos bondes</p> <p>Perguntas: <i>Qual o percurso que cada bonde está fazendo e onde ele quer chegar? Que contribuições eu trago para as histórias que estão acontecendo nesse bonde? Quais os trechos mais tranquilos desse percurso? E que trechos pareceram mais conturbados? O que nos pareceu mais bonito no percurso? E o que preferíamos que tivesse sido diferente?</i></p> <p>(pessoas decidem para onde querem ir, passeiam nos bondes, descem dos bondes, sobem em outros bondes, chegam aos destinos)</p>	<p>As experiências estarão conformando conjuntos que signifiquem percursos em cartazes. Escolher uma ou um motorista para cada bonde. Passageiros/as sobem nos bondes que fazem o percurso que gostariam de conversar, partilhar No caminho, podem mudar de bonde, caso percebam que têm mais a partilhar ou curiosidade em outro percurso Sempre que novos/as passageiros/as chegarem, é importante que se conte para ele/a qual o ponto em que a história/percurso está, por onde passaram e onde querem chegar As conversas devem ajudar a ajustar percursos e contar histórias sobre os percursos.</p>
<p>Movimento 4 Contando histórias coletivas dos percursos dos bondes</p> <p><i>Eu me lembro que nesse bonde...</i></p>	<p>Fazer encontrar com outras vozes - empatia - narrativa coletiva O acontecimento é coletivo, é público Passageiras/os dos bondes vão contar suas lembranças das conversas dos trajetos, procurando engatilhar e complementar memória, formando uma história coletiva do percurso. Sistematizar por espanto, por risada Chamar conversa com referências estéticas (trazer para o texto) Conversa como dispositivo de inverter a lógica de poder - sistematizar</p>

Sistematização / imagem	A literatura da vida comum A sistematização da narração Localização: traz histórias, memórias, contar, declarar Narrar a cidade e o que acontece na cidade, como palco para a nossa existência
-------------------------	---

Perguntas (implícitas, muitas vezes) para os percursos

Aqui foi feito um exercício experimental a partir da música de Milton Nascimento e Fernando Brant, *Conversando no Bar*¹³, assentando os vários momentos da música nos percursos do bonde, e declarando aqui que talvez a ideia dos bondes tenha partido da vivência dessa música. Mas o exercício dos bondes da história já foram experimentados em alguns contextos e os bondes funcionaram para conversar.

BONDES E SEUS PERCURSOS <i>"E a vida, tenho certeza, é feita de poesia. A poesia não é alheia - a poesia, como veremos, está logo ali, à espreita. Pode saltar sobre nós a qualquer instante."</i> (Borges, p. 11)
Bonde da Risada e do Sonho
Qual foi o seu sonho hoje? Você teve algum sonho? Como é esse sonho? E o que te fez sorrir? Do que você deu risada? De que tamanho foi essa risada? Qual foi o gesto dessa risada?
Lá vinha o bonde no sobe e desce ladeira E o motorneiro parava a orquestra um minuto Para me contar casos da campanha da Itália E do tiro que ele não levou
Bonde do Espanto e do Milagre
Em que momento hoje você percebeu que se espantou? O que aconteceu? Como você se sentiu nesse momento? Será que hoje aconteceu alguma coisa que te pareceu que um milagre estava acontecendo? Algo que parecia não ser possível e de repente aconteceu e foi bom e você nem sabe como? Você se deu conta que era um espanto, um milagre?
Levei um susto imenso nas asas da Panair Descobri que as coisas mudam E que tudo é pequeno nas asas da Panair

¹³ Música de 1974, momento em que o Brasil vivia sob ditadura, que remete à empresa aérea PanAir fechada repentinamente pelo regime militar e que procura reviver a memória dos tempos anteriores à ditadura em que a empresa existia e poderia significar todo um momento.

A maior das maravilhas foi
Voando sobre o mundo
Nas asas da Panair
Em volta dessa mesa velhos e moços
Lembrando o que já foi

Bonde da Saudade e do Silêncio

Do que ou de quem você sentiu saudade hoje? Qual a forma e a imagem dessa saudades? Qual a imagem do seu silêncio?

O medo em minha vida nasceu muito depois...
Descobri que minha arma é o que
A memória guarda dos tempos da Panair
Nada de triste existe que não se esqueça

Bonde da Intimidade e do Afeto

Esse bonde é sem pergunta. Intimidade e afeto aparecem nas palavras, nos gestos, nas narrativas, no olhar, sem a gente perceber. A gente muda.

E lá vai menino xingando padre e pedra
E lá vai menino lambendo podre delícia
E lá vai menino senhor de todo o fruto
Sem nenhum pecado, sem pavor

Alguém insiste e fala ao coração
Tudo de triste que existe e não se esquece
Alguém insiste e fere no coração

Bonde da Partilha e da Composição

O que hoje você teve vontade de partilhar com mais alguém? O que você partilhou? O que aconteceu depois de partilhar?

Nada de novo existe nesse planeta
Que não se fale aqui na mesa do bar
E aquela briga e aquela...

Morri a cada dia
Dos dias que eu vivi
Cerveja que tomo hoje é
Apenas em memória
Dos tempos da Panair
A (primeira Coca-Cola foi
Me lembro bem agora
Nas asas da Panair

Bonde da Cidade e do Amor

Que encontros aconteceram hoje na cidade? Que conversas aconteceram hoje na cidade? Em que lugares desses encontros e conversas o amor brotou? Que amor? Que conversa?

E aquele tango e aquela dama da noite
E aquela mancha e a fala oculta
Que no fundo do quintal morreu

Em volta dessa mesa, existem outras
Falando tão igual
Em volta dessas mesas existe a rua
Vivendo seu normal

Em volta dessa rua, uma cidade
Sonhando seus metais
Em volta da cidade...

Uma história coletiva

Eu me lembro que nesse bonde...

"Desejo apenas partilhar perplexidades com vocês" (Borges, p. 11)

Aqui neste espaço, poderemos relatar as falas das pessoas encadeadas depois de andarem conversando em seus bondes. A lembrança de uma pessoa aciona a lembrança da outra e uma história vai se constituindo.

A partir da música, um exercício imaginado:

E eu que nem sabia que o motorista chamava motorneiro, uma descoberta, uma profissão. Eu também sou motorneiro, condutor, só que de ônibus. Outro dia o ônibus tava cheio e o motorista brincou com todo mundo, fez piada na curva, pra todo mundo aproveitar, todo mundo riu, ficou melhor atravessar. E assim por diante... Uma memória agarrando na outra e soltas ao mesmo tempo... Contando uma história. Como no caso dessa música trazida como exemplo, que enreda o fio de memória dos tempos como eram bons nos tempos da Panair.

4 O final dessa história

Este é um final apenas para constar. As histórias não têm fim. Os bondes continuam todos os dias a sair e a chegar. As pessoas continuam conversando o tempo todo, de um modo ou de outro. Relendo agora o trabalho, reparo que talvez a pergunta inicial seja sobre a possibilidade de tomada de consciência das conversas e do efeito das mesmas em nossas vidas de todos os dias, nossos posicionamentos, nossas atitudes, nossos gestos. E talvez ela caminhe por 'o que acontece conosco quando realmente conversamos, quando sentimos que conversamos?'. E ao acontecer algo conosco, o que reverbera e acontece diferente nas nossas existências e nas misturas das nossas existências a partir daí?

Enquanto este trabalho foi tomando corpo, foi realizado um estudo¹⁴ sobre conversas, publicado na revista Scientific American. O estudo, basicamente, perguntou a muitas pessoas sobre saber a hora de parar de falar ou de terminar uma conversa ou perceber que uma conversa terminou. Procurou saber também o momento em que as pessoas entrevistadas gostariam que a conversa tivesse terminado e se elas imaginavam quando a outra pessoa gostaria que tivesse terminado. Não pude acessar o estudo completo, apenas a notícia sobre ele. Ao tomar contato com os dados que foram anunciados, três pontos me absorveram: um foi perceber que um número importante de pessoas declarou ter vontade de continuar as conversas; o outro foi o 'não saber' como terminar uma conversa; e, por fim, a constatação de que a cerveja, o bar, o drink, o café, (o bonde?), são ferramentas que protegem e ajudam a terminar a conversa quando ela já não rende mais para uma das partes, ou para quando perdemos a palavra pelas várias razões que podem fazer isso acontecer e com os vários significados que 'perder a palavra' pode ter.

Trago de volta aqui, neste final para continuar, a pergunta 'o que é afinal uma conversa?', 'o que as conversas têm que acontecem, permanecem e/ou terminam?', 'o que acontece conosco quando conversamos, quando estamos expostos a uma conversa?'. O tema das conversas, por si, se faz relevante principalmente neste momento em que em boa parte de nossas existências não conseguimos conversar de verdade. Vasculho aqui minha memória, e são raras as vezes em que pude realmente acessar uma conversa de verdade. Excesso de informações e opiniões atrelado (ou como consequência da) à pouca escuta turvam a conversa, turvam aquela sensação boa que a gente vai pra casa pensando: hoje

14

https://www.scientificamerican.com/article/people-literally-dont-know-when-to-shut-up-or-keep-talking-science-co-firms/?utm_source=NexoNL&utm_medium=Email&utm_campaign=OQEL

foi bom, tenho vontade de continuar conversando. Mesmo que a gente não saiba o que foi que nos fez sentir assim.

Respirando um pouco melhor o andamento e desenvolvimento deste trabalho, eu arriscaria pensar e sentir que as conversas dessas que fazem a gente perceber que algo aconteceu dependem sim de preparação (ainda que não saibamos que as estamos preparando, por exemplo, o percurso até o ponto do ônibus pode ser uma preparação), dependem de cuidado (será que podemos traduzir cuidado como atenção, escuta, dedicação, interesse e presença? fazer perguntas?), e talvez dependam de conhecer e tomar consciência do percurso da conversa, isso não sei, mas me parece potente. Seria para continuar investigando. Observar uma conversa hipotética entre autores e autoras neste trabalho permitiu, a partir de olhar dedicado e da sistematização, propor um percurso. Será que esse percurso ajuda a decifrar os caminhos da conversa e compreender se ela realmente está acontecendo ou não? Seria para continuar investigando. E talvez até entender um pouco mais por que não conseguimos terminar uma conversa, às vezes, ou por que gostaríamos de continuar uma conversa, investigação do estudo mencionado. Tudo isso sem precisar de um café ou um copo de cerveja ou de um bonde para nos proteger de nós mesmos. Ou usando tudo isso propositalmente para facilitar conversas.

Talvez as conversas envolvam a necessidade da espontaneidade e "descompromisso" do espaço público, talvez precisem realizar um percurso da palavra que envolva: o caminho/preparo da palavra, a chegada da palavra, a poesia da palavra, a memória da palavra, a palavra comunitária, a palavra comum, a imagem da palavra, a palavra que conta, a palavra-experiência, e a compreensão e sentido, por fim, do direito à palavra, do direito à conversa como algo que nos refaz, nos reconcilia, nos permite existir plenamente.

Finalizando neste momento este trabalho (para continuar, como já expressei), aconteceu o dia em que Piazzolla faria cem anos. Eu me lembro de duas passagens com Piazzolla que me chegam agora como pura conversa. Em uma delas, uma amiga me confessou que chorou e que a comida queimou escutando Piazzolla, ao lado do fogão, cuidando da comida. E me lembro de ter apenas chorado quando ela contou. Na outra passagem, eu mesma escutando Adios Nonino (referência), sem perceber, me peguei com um bloco de anotações na mão escrevendo para ele (conversando com ele?) enquanto ele tocava:

tum tum tum tum
onde você mora?

como você faz?
qual a sua hora?
qual a sua moda?

la larara larara larara
parece que estou chegando / chorando / chovendo?
ou tô errando o caminho / carinho / seu ninho?
perdido, mas tô tão perto (para o meu amor passar)
quem roubou a rua ladrilhada?
quem roubou o lugar que eu sou?
devagar com a sua dor (paralisada?)

não é mais
não dá mais
não há mais
foi a mais

Com essas palavras organizadas de presente que Astor Piazzolla me deu de fazer, vou aqui me despedindo, encantada com os lugares mais inóspitos onde as conversas surgem, acontecem e continuam, simplesmente. Desejo que a leitura deste trabalho tenha chegado como uma boa conversa a você.

"O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da

experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria." (Larrosa, p.24)

Referências bibliográficas

Auster, Paul.

2017. *4 3 2 1*. São Paulo, Companhia das Letras.

Autran, Paula.

2020. Olhar o mundo por meio das conversas e da poesia. Disponível em https://www.instagram.com/tv/CHX9spAHTWN/?utm_source=ig_web_copy_link

Borges, Jorge Luis.

2000. *Esse Ofício do Verso*. org. Calin-Andrei Mihailescu; tradução José Marcos Macedo - São Paulo: Companhia das Letras.

Campos de Queiroz, Bartolomeu.

2008. *A beleza não cabe em você*. Museu da Pessoa. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=1-z-8O31_qc&t=3s.

Castelo Branco, Angela.

2012. *Epidermias*. São Paulo, Dobra Editorial.

Echeverría, Rafael.

1997. *Ontología del lenguaje*. Santiago de Chile, Dolmen Ensayo.

Grupo de Estudo Deleuze, FEBF/UFRJ.

2018. Uma conversa: o que é e para que serve? Rio de Janeiro, UFRJ. disponível em <https://grupodeestudosdeleuze.wordpress.com/2018/03/24/uma-conversa-o-que-e-para-que-serve/>

Galeano, Eduardo.

2017. *Os Filhos dos Dias*. Porto Alegre, LP&M.

Jara Holiday, Oscar.

2018. *La sistematización de experiencias: práctica y teoría para otros mundos posibles*. 1 ed. Bogotá, Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano, CINDE.

Larrosa Bondía, Jorge.

2014. *Tremores: escritos sobre a experiência.* Jorge Larrosa e Walter Kohan, coordenadores da coleção Educação: experiência e sentido. Belo Horizonte, Autêntica Editora

Maturana Romesín, Humberto.

2005. *La objetividad: un argumento para obligar.* Chile, J.C. Sáez Editor.

Maturana, R. Humberto e J. Varela, Francisco.

2001. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.* São Paulo, Palas Athena.

Montaigne, Michel.

1972. *Da arte de conversar.* in Ensaaios. Porto Alegre, Editora Globo.

Morrison, Toni.

2019. *A Fonte da Autoestima: ensaios, discursos e reflexões.* São Paulo, Companhia das Letras.

Salles, João Moreira.

2019. *Como fazer cinema com quase nada: A gramática mínima de Eduardo Coutinho.* Masterclass com João Moreira Salles para abertura da Ocupação Eduardo Coutinho, no Instituto Itaú Cultural. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LCYKFscdLB0>.

Tiburi, Marcia.

2010. *Diálogo/desenho.* Marcia Tiburi, Fernando Chuí. São Paulo, Editora Senac São Paulo.

Turcke, Christopher.

2019. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação.* Campinas, Editora Unicamp.